

Os vários espaços do graffiti como manifestação da Arte Contemporânea

Allan T. Yzumizawa (IC).

Resumo

A pesquisa “Os vários espaços do graffiti como manifestação da Arte Contemporânea” apresenta-se como uma investigação sobre o graffiti a partir de sua atual domesticação feita por instituições como museus, galerias de arte, e empresas de publicidade. Considera-se também suas possíveis linhas de fuga (seguida da dissolução do conceito mais originário do graffiti), práticas derivadas que utilizam-se do espaço e fluxo urbano como suporte.

Palavras Chave: graffiti, arte urbana, arte contemporânea

Introdução

Na década de 1960, vemos artistas estruturarem seus trabalhos questionando a própria instituição e a própria etiqueta arte. Entretanto, nessa manifestação urbana conhecida por graffiti suscita-se um movimento contrário a desses artistas. Desse modo, gera-se uma cooptação dos fluxos/objetos da cidade para dentro dessas instituições. Na seguinte pesquisa, são analisadas as devidas consequências, sugestões e respostas a esse fenômeno atual.

Resultados e Discussão

Durante a pesquisa, concluo numa certa diluição do conceito graffiti. O que se estabelece de fato, são ditas práticas derivadas do graffiti; dentre as mais conhecidas, a arte urbana.¹ A grande problemática é essa mistura e confusão dos termos que no mais grave geram uma certa exclusão social: o status de obra de arte para um lado, e vandalismo para o outro. A causa dessa confusão portanto, é explicada por Deleuze e Guattari: o capital se assenta sobre fluxos descodificados.² A palavra graffiti, é esvaziada virando sinônimo e signo de algo “cool”. Não demora muito para que as grandes marcas de roupas, bolsas etc. utilizarem o graffiti para vender.

Entretanto, é visível o surgimento de práticas que utilizam os fluxos urbanos como elementos quase indissociáveis aproximando-se muito dos projetos elaborados a partir da site-specific art, que acaba afirmando-se como possível linha de fuga à essa

domesticação.³ A essas múltiplas manifestações estudadas atribuo o nome de *arte urbana*, termo que traduzo do teórico Cedar Lewinsohn e que são evidenciadas no livro *Trespass*⁴: Estênceis, happenings, murais, cartazes, esculturas, instalações em geral, são *práticas derivadas do graffiti* que são “quase” impossíveis de se sustentarem dentro das instituições e o mais importante, mantém os aspectos de gratuidade, espontaneidade e divertimento.

Conclusões

É necessário, cada vez mais, que se realizem discussões sobre essas práticas urbanas no âmbito da produção, distribuição, financiamento, para que seus nós conceituais sejam desfeitos. Não ousa negar que essas manifestações possam ir para dentro da instituição, mas uma vez lá estando, se transformam em outra coisa: pintura, escultura, instalação etc. A ausência de estudos e discussões sobre o assunto, acaba gerando certa inocência perversa sobre esse campo da produção artística, sem nos darmos conta.

Agradecimentos

Agradeço a CNPq pelo financiamento dessa pesquisa, a minha orientadora prof^a. dr^a. Sylvia Helena Furegatti que sempre esteve à disposição para me auxiliar das mais diversas formas, e às minhas amigas/os que estão sempre discutindo e indicando leituras, me fazendo a cada simples conversa, crescer ainda mais.

¹ Lewinsohn, C. *Street Art Revolution*. 2008, p.31

² Deleuze, G; Guattari, F. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. 2010, p. 52

³ Kwon, M. Um lugar após o outro. Tradução de Jorge Menna Barreto publicada, *Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – EBA – UFRJ – ano XV – número 17 – 2008*

⁴ Seno, E. (Ed) *Trespass. História da arte urbana não encomendada*. 2010.